

O estatuto social do sapateiro na antigüidade ateniense

André Leonardo Chevitaese

Abstract

This paper seeks to analyze the shoemaker's social status in the Athenian archaic and classical periods.

Sob o ponto de vista das múltiplas atividades profissionais conhecidas e desenvolvidas na antigüidade ateniense (esta definição compreende, neste trabalho, os períodos arcaico e clássico ou os séculos VI ao IV a.C.),¹ aquela realizada pelo sapateiro apresenta um bom número de referências. Ela está dispersa não só nos textos antigos, como, também, na cultura material ática, isto é, nas cenas de vasos, em um relevo votivo e nos vestígios de uma casa urbana situada próxima à Ágora. Este conjunto diferenciado de testemunhos permite que o pesquisador contemporâneo compreenda melhor como um determinado tipo de trabalhador (o sapateiro), inserido em um grupo profissional maior (artesão urbano), foi visto e, ao mesmo tempo, se viu, no interior da sociedade ateniense.

Antes, porém, de analisar o estatuto social do sapateiro entre o sexto e quarto séculos, será conveniente apresentar dois pontos básicos e introdutórios. O primeiro diz respeito ao nosso recorte histórico, enquanto que o segundo ponto está relacionado com a complexidade da “indústria” do couro na antigüidade ateniense.

I. Algumas Características sobre Atenas Arcaica e Clássica

Atenas é considerada uma cidade-Estado² atípica devido:

- a. ao tamanho do seu território (2.600 km²);
- b. à forma de governo democrática para a maior parte do período discutido neste trabalho;
- c. ao grande corpo cívico (aproximadamente 20.000 a 25.000 cidadãos) e;

d. a uma parcela significativamente alta de autores que a escolheram para produzir os seus textos.

Este último aspecto é de fundamental importância, já que ele tem um impacto imediato sobre o objeto que está sendo estudado. É de Atenas a maioria dos textos antigos gregos que chegaram até nós. Os autores responsáveis por estes trabalhos, ao escolherem esta cidade-Estado, não o fizeram por suas afinidades políticas, isto é, por serem democratas, mas por divulgarem as suas idéias na região mais importante do Mediterrâneo e do Egeu. Se estes autores tivessem que ser classificados, de acordo com as suas convicções políticas, eles estariam, na sua imensa maioria, agrupados entre os antidemocratas. Esta afirmação vai determinar a maneira como os autores antigos gregos irão tratar a maioria do corpo cívico que precisava trabalhar manualmente para sobreviver. Para estes autores, aqueles cidadãos que trabalhavam de forma permanente não deveriam participar, pelo menos de forma plena, do corpo cívico, já que eles não teriam tempo livre para um envolvimento pleno com a política. Além disto, esta maioria não seria detentora de conhecimentos prévios para o bom desempenho do jogo político, a começar pelo conhecimento aprofundado da escrita, passando pelo domínio da oratória e da retórica, chegando até a completa ausência de formação filosófica. Podem ser destacadas duas passagens, nos textos antigos, que ajudam a demonstrar as críticas estabelecidas pelos autores gregos à democracia e à maioria do corpo cívico envolvida com esta forma de governo em Atenas. A primeira delas está em Xenofonte (*Memoráveis* 3.7,5-6), onde Sócrates fala a Cármenes sobre a composição da Assembléia ateniense:

“Quero te demonstrar que não tens vergonha dos mais sábios, não tens medo dos mais fortes, e que é perante os mais fracos e os mais bobos que enrubesces ao tomar a palavra. Quais são de fato as pessoas que te intimidam? Tecelões, sapateiros, carpinteiros, ferreiros, lavradores, mercadores, contrabandistas do mercado que só pensam em vender mais caro do que compraram por um preço mais baixo? Pois são todas estas pessoas que compõem a Assembléia do povo”.

A segunda passagem está relacionada com Aristóteles (*A Política* 1328b39-1329a2), no exato momento em que o referido filósofo está considerando se na melhor constituição (entendido aqui como um Estado ideal) a cidadania deve ser estendida para todos ou apenas para um grupo reduzido de indivíduos. Neste momento da análise, Aristóteles observa:

[...] os cidadãos não devem viver uma vida artesã ou mercantil — porque esta vida é ignóbil e inimiga da virtude — nem ainda devem ser trabalha-

dores da terra os que devem ser cidadãos em um Estado ideal — porque o tempo livre é necessário tanto para o desenvolvimento da virtude, quanto para a ativa participação na política”.

Enquanto a primeira passagem procura desqualificar as decisões da Assembléia ateniense, pela sua composição, a segunda desqualifica a maioria pela ausência da virtude. Muito embora as referidas passagens partam de lugares diferentes (Sócrates fala sobre uma instituição histórica; Aristóteles discute o corpo cívico na constituição ideal), elas chegam no mesmo destino, na medida em que elas desqualificam todos aqueles que realizam trabalhos manuais, tornando-os incompetentes e incapazes de participar plenamente do jogo político. As duas passagens falam do sapateiro na sociedade ateniense: a primeira de forma direta, explicitando esta categoria profissional, enquanto que a segunda o inclui no grupo dos artesãos. O sapateiro, em ambas as passagens, é objeto de crítica, já que ele não possui os atributos necessários para se tornar um cidadão pleno.³ Os dois passos apresentam o mesmo tipo de crítica à democracia, na medida em que esta forma de governo não apenas tolera, como, também, permitiu uma participação ativa de artesãos (inseridos neste grupo os próprios sapateiros), comerciantes e camponeses.

2. A Complexidade da “Indústria” do Couro na Antiguidade Ateniense

É necessário observar, antes de entrarmos no campo dos sapateiros, que a “indústria” do couro, na antiguidade grega, envolvia vários estágios, tais como: a criação de bovinos; o envolvimento de no mínimo dois tipos de profissionais; a integração dos espaços rural e urbano. Consideremos cada um dos três elementos apontados acima.

2.1. Em se tratando de Atenas, onde a falta de pastos (BURFORD, 1993: 122, 146) e o alto preço do boi podem ter tornado o custo de manutenção deste animal muito elevado, apenas os médios e principalmente os grandes proprietários fundiários deveriam ter condições de mantê-los (GALLANT, 1991: 124). A criação de gado, neste sentido, teria sido moderada em Atenas (HODKINSON, 1988: 65; JAMESON, 1988: 94, 97, 99). Esta cidade-Estado, muito provavelmente, importava uma parcela significativa destes animais de outras regiões gregas, tais como, Beócia, Eubéia, Mégara e Peloponeso (JAMESON, 1988: 97). O gado desempenhava um papel importante na economia familiar e no campo religioso: de imediato, o bovino foi utilizado como animal de tiro, como produtor de estrume, de couro e de carne; ele também era utilizado para fins religiosos (JAMESON, 1988: 89-119). O sacrifício destes animais perpassava todos

os níveis da sociedade ateniense, desde o indivíduo, passando pela família, grupo de parentesco, aldeia até o envolvimento do coletivo, neste caso, a própria cidade-Estado (ISAGER e SKYDSGAARD, 1992: 174-177; DURANT, 1986). Há poucas informações sobre a origem dos animais sacrificados. Levando em consideração que eles deveriam ser cuidadosamente selecionados, gozando de boa saúde, poderiam ser propostas duas possibilidades: os animais seriam propriedades de alguns templos que, das inúmeras atividades programadas ao longo do ano, passariam a vendê-los aos fiéis ou poderiam ser propriedades de indivíduos particulares, especialmente homens ricos, que obtinham bons lucros com este tipo de comércio (GALLANT, 1991: 121-127; ISAGER e SKYDSGAARD, 1992: 179-180, 191-198). Verifica-se, deste primeiro ponto, que é a elite econômica e social quem controla, em grande parte, a criação e venda do bovino em Atenas.

2.2. Do pasto à sapataria, haviam pelo menos dois profissionais envolvidos diretamente com o nosso objeto de estudo:

a. o pastor, inserido no grupo social dos camponeses, era responsável pela criação dos bovinos, migrando constantemente com estes animais em busca de pastagens;

b. o curtidor de pele ou de couro desempenhava particularmente, mas não exclusivamente, a função meio, isto é, o curtimento do couro (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros* 44; *Pluto* 167 (βυρσοδέψης); verifica-se o emprego de outros termos para definir este profissional, como, por exemplo em: *Os Cavaleiros* 136, 138 (βυρσοπώλης); 740 (Βυρσοπωλαίσιν)). Ele poderia também estar envolvido com o ato de matar e esfolar o bovino, além de vender o couro às sapatarias e (ou) a retalho (EHRENBERG, 1943, pp. 93-96). O seu curtume estaria provavelmente localizado no espaço rural, próximo às áreas de criação de gado, mas não muito longe do espaço urbano, de modo que o custo do transporte não encarecesse demais o preço final do couro.

Pode ser admitido que as oficinas de curtume tinham uma forte penetração junto às camadas populares de Atenas. Não estamos bem informados como eram construídas estas relações entre curtidores e massas urbanas. O certo é que, ao longo do período que estamos analisando, entre os séculos sexto e quarto, dois curtidores e um filho de sapateiro chegaram, por caminhos políticos diferentes, à liderança da facção democrática. Referimo-nos respectivamente a Cléon, Anito e Ifícrates. Verifica-se, uma vez mais, com relação aos dois primeiros políticos citados, uma característica bastante hostil dos textos antigos, já que ambos não abriram mão das suas atividades relacionadas com a “indústria” do couro, mesmo depois de terem adquirido destaques no cenário político ateniense. De fato,

este parece ser o ponto central da questão: o passado humilde desses três políticos soava como algo desabonador para as suas carreiras, pelo menos sob o ponto de vista das elites. O fato de Cléon e Anito, muito mais do que Ifícrates que vai ganhar destaque e riqueza no campo militar, terem as suas riquezas atreladas a uma atividade comercial, com forte apelo popular, e não serem oriundos das tradicionais famílias fundiárias, levava os autores antigos gregos a assumirem, com relação a eles, uma postura extremamente hostil.⁴ Este aspecto, marcadamente ideológico, pode ser observado:

2.2.1. nos ataques de Aristófanes (*Os Cavaleiros* 178-194) à facção democrática, em particular a Cléon, caracterizado como curtidor-paflagônio e como neto de um guarda-costas de “Βυρσίνης”, a mulher do tirano Hípias;⁵

2.2.2. nas críticas elaboradas por autores próximos de Sócrates a Anito e, de uma maneira mais ampla, a todo o cidadão que desempenhasse uma função manual, em particular a de curtidor. Parece ser este o sentido dos dois exemplos que se seguem:

2.2.2.1. verifica-se, de imediato, Xenofonte (*Apologia* 29) recordar uma advertência feita por Sócrates a Anito de que este último não deveria confinar a educação do seu filho aos curtumes (βύρσά παιδεύειν). Em outra oportunidade, prossegue Xenofonte (*Apologia* 30), o mesmo Sócrates havia previsto que o filho de Anito não continuaria na ocupação servil (δουλοπρεπεῖ διατριβῇ) que lhe havia sido proporcionada pelo seu pai. Convém observar que o que Xenofonte chama de ocupação servil, isto é, própria do escravo, a atividade do curtume, estava sendo desenvolvida pela família de Anito com sucesso há pelo menos três gerações (Platão. *Menon* 90a);

2.2.2.2. constata-se em Platão (*Banquete* 219b-222b) uma fala extremamente longa e elogiosa de Alcibíades em relação a Sócrates. Em um dado momento, porém, Alcibíades (*Banquete* 221e) observa que os discursos do referido filósofo pareceriam inteiramente ridículos à primeira vista, a ponto de serem objeto de zombaria para qualquer inexperiente ou imbecil. Um exemplo desta troça poderia ser encontrada em uma outra obra platônica (*Hípias Maior* 288c-d). Nela, Hípias considera descortês e mal-educado um homem que se atreve a nomear coisas que não devem ser nomeadas em uma conversa séria. No caso em questão, a pergunta relacionada com a formosura de uma marmita — se ela não seria uma coisa bela? — seria o motivo de censura. Esta consideração, porém, enquadra-se perfeitamente na colocação inicial de Alcibíades — sobre o porquê dos discursos de Sócrates serem objeto de chacota. Alcibíades observa que os referidos discursos se revestem com uma espécie de pele de sátiro inso-

lente, isto é, a sua parte externa é envolta de feiúra, pois Sócrates, prossegue Alcibiades, fala de bestas de carga, de ferreiros, de sapateiros, de correeiros [...] (PLATÃO. *O Banquete* 221e). Platão, ao relacionar os sapateiros e os correeiros com a parte externa que envolve os discursos de Sócrates, aquele exterior repleto de feiúra, parece compartilhar com a colocação de Hípias que considera descortês e mal-educado um homem que se atreve a nomear coisas que não devem ser nomeadas em uma conversa séria. Torna-se evidente, a partir desta associação, que a posição de menosprezo de Platão aos trabalhadores manuais aproxima-se em muito àquela de Xenofonte, bem como a de Aristófanes.

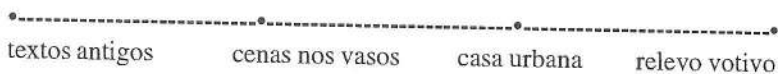
Pode ser apontado, pelo menos com relação às elites fundiárias, que os curtidores não gozavam de um bom estatuto social. Talvez o terrível cheiro de curtume que exalava do Paflagônio, personagem aristofânico da comédia *Os Cavaleiros* (892. βύρσης κάκιστον ὄζων), não fosse apenas um recurso cômico, mas um elemento que ajudava a enfatizar ideologicamente a inferiorização social do curtidor.

2.3. Por fim, o couro deixa transparecer a forte integração dos espaços urbano e rural no interior da cidade-Estado ateniense. O comércio do couro, voltado para a fabricação do calçado, era destinado não apenas à população citadina, como, também, à campesina. Dois tipos de profissionais atendiam mais especificamente à demanda desta população: sapateiros (σκυτοτόμοις) e remendões (νέυρορράφοις) (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros* 740). Alguns sapateiros (na comédia aristofânica seriam Cléon (Aristófanes. *Os Cavaleiros* 316) e talvez a rapaziada dos curtumes (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros* 852)) eram acusados de cortar o couro de um boi estropiado de forma fraudulenta (ὕποπέμνων δέρμα μοχθηροῦ βοός), de modo parecer que a sola do calçado fosse mais grossa do que de fato ela era. Os mais atingidos por esta fraude seriam os camponeses e os escravos (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros* 317, 319-324).

3. O Sapateiro na Documentação Antiga Ateniense

Retornando ao primeiro parágrafo do texto, o fato de o pesquisador contemporâneo contar com um bom número de referências, distribuídas em diferentes tipos de documentos, sobre o seu objeto de estudo, é extremamente importante, na medida em que ele pode entrecruzar informações produzidas em lugares diferentes, por agentes sociais diferentes. Neste caso, o pesquisador tem um interessante espectro de testemunhos que pode ser assim organizado: em um extremo está a fala do outro (o autor do texto antigo que vai falar sobre o sapateiro), a seguir está a imagem contida no

vaso ático (o pintor “falando” sobre o mundo do trabalho do sapateiro), posteriormente está o lugar onde vivia e trabalhava o sapateiro (a casa urbana escavada em Atenas) e no outro extremo do espectro está localizado um relevo (o próprio sapateiro falando do seu mundo social). Se o referido espectro tivesse que ser representado esquematicamente, ele apresentaria a seguinte representação:



Tomando como referência o esquema proposto acima, vamos analisar o estatuto social do sapateiro na antigüidade ateniense. Esta análise não será compartimentada devido à natureza diferenciada da nossa documentação, mas, ao contrário, as informações advindas dos diferentes tipos de documentos vão estar sendo processadas conjuntamente.

Pode ser observado, de imediato, uma diferença quanto ao uso de calçados entre o cidadão citadino e o rústico. Verifica-se, no primeiro caso, uma opção em andar quase sempre descalço no interior da casa, porém, fora dela, o uso de sandálias e sapatos era de uso corrente, pelo menos para aquela parcela da população mais abastada (FLACELIÈRE, s/data: 180; MAFFRE, 1989: 109). Os textos antigos observam, no segundo caso, duas situações cotidianas: usar calçado, maior do que os pés (TEOFRASTO. *Os Caracteres* 4.4), a metade do dia (TEOFRASTO. *Os Caracteres* 10.14); usar pregos no calçado para não gastar a sola (TEOFRASTO. *Os Caracteres* 4.17). Não deve ser desconsiderada a possibilidade de ver, nas duas situações relacionadas acima com os camponeses, uma característica da documentação textual antiga grega, qual seja: ver no espaço urbano, em oposição ao espaço rural, o lugar privilegiado e de excelência para o homem viver. Seria nele que o cidadão encontraria os bons prazeres da vida, a educação refinada, os produtos do exterior, o contato com culturas diferentes.

Escavações produzidas no coração do espaço urbano ateniense identificaram uma pequena casa, datada do quinto século, localizada no lado norte do *dêmos* de Kydathenaion (BURFORD, 1972, p. 82), junto ao marco fronteiro de pedra da Ágora (FIGURA 1A). Os seus pavimentos estavam cobertos com dezenas de cardas e ilhoses feitos de osso. Os escavadores encontraram, próximo a casa, a base de uma taça ática de verniz preta com a seguinte inscrição: de Simon (FIGURA 1B). As cardas e os ilhoses, por um lado, e o fragmento da taça, por outro, levaram os arqueólogos a concluir que a casa pertenceria a Simon, um cidadão ateniense que

exercia a profissão de sapateiro. Como reforço para esta identificação, os escavadores contavam com dois importantes testemunhos de autores antigos: Xenofonte (*Memoráveis* 4.2,1) chamou a atenção para o fato de Sócrates utilizar uma sapataria junto a Ágora como lugar de encontro com os seus pupilos e amigos. Diógenes Laércio (2.13,112), partindo provavelmente da informação de Xenofonte, muito embora oferecendo um número maior de dados, diz que Péricles e Sócrates usavam a casa de Simon (que era ao mesmo tempo uma sapataria) como lugar de encontro e de conversação com seus amigos. Este biógrafo deixa claro que Simon não adquiriu renome e prestígio pelo tipo de profissão que exercia, mas, pelo fato de conviver com pessoas ilustres, por um lado, e de ter produzido um opúsculo denominado “Correio”, o qual continha trinta e três diálogos de Sócrates, que foram memorizados pelo sapateiro, por outro.

Ampliando o conjunto de informações, constata-se Xenofonte (*Ciropédica* 8.2,5) mencionando o que seria, provavelmente, a vida no interior de uma grande sapataria. Vejamos a passagem:

“Um homem faz sapatos para homens, o outro para as mulheres e há mesmo lugares onde um homem ganha a vida somente cosendo sapatos, o outro cortando-os, o outro cerzindo as partes superiores juntas, enquanto há (ainda) um outro que não desempenha nenhuma destas operações, mas somente monta as partes”.

Esta passagem fala acerca da especialização das atividades realizadas pelos artesãos no interior de uma oficina, cuja especialidade era a de fazer calçados. Esta divisão do trabalho não implicava um desconhecimento das diferentes etapas realizadas por cada um dos trabalhadores envolvidos no processo produtivo. Cada artesão era responsável por uma tarefa bem definida, muito embora, todos eles conhecessem as várias operações envolvidas durante o processo de fabricação de sapato. A segunda observação que pode ser extraída, muito embora ela não tenha uma ligação direta com a citação acima, aponta para um tipo de produção que ia além da fabricação de sapatos. Neste caso, o que nós entendemos por sapateiro hoje, um artesão especializado na arte de fazer diferentes tipos de calçados, parece não abranger completamente o sentido dado pelo antigo ateniense para este profissional. A palavra grega usada para definir sapateiro era *skytotómos*. O seu sentido está associado com todo aquele que corta ou trabalha com o couro (ver, por exemplo: HOMERO. *Iliada* 7,221; XENOFONTE. *Ciropédica* 6.2,37; PLATÃO. *República* 601c, *Górgias* 447d; ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros* 740). Sapateiro seria, portanto, na antiga Atenas, aquele profissional envolvido com todo o tipo

de trabalho associado com este tipo de material. Ele poderia fazer correia, látigo, rédeas, arreios e túnicas dos trabalhadores agrícolas (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros* 59, 64; BURFORD, 1998: 193), além de calçados (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros* 314-315, 323, 869, 872, 875; *Pluto* 162). Com relação à esta última peça de vestuário, há diferentes tipos para homens e mulheres, muito embora estejamos melhor informados acerca dos primeiros. Sobre os masculinos, destacam-se: sandália (com sola de cortiça, de madeira ou de couro), sustida por correias atadas em torno do tornozelo e dos artelhos, deixando a descoberto o peito do pé; borzeguim (ἐμβάς), um tipo de meia bota, atada à frente e terminado em cima por uma espécie de boca de canhão, utilizada pelos homens para viagens; botina (ἐνδρομίς), apesar de ser muito parecida com o borzeguim (embora ela não tivesse a boca de canhão), era bastante usada na caça; coturno, calçado de sola alta, o qual podia se aplicar indiferente ao pé direito ou ao esquerdo, era usado no teatro pelos atores (FLACELIÈRE, s/d: 181; MAFFRE, 1989: 109-110). Os calçados femininos eram de formas muito mais variadas. Descrevê-los, porém, não é fácil. Alguns nomes dos sapatos derivavam das suas regiões de origem, como as persas e as lacônias, além dos modelos de Argos, de Sícion e de Rodes (FLACELIÈRE, s/d: 182 registra um interessante diálogo, produzido por Herondas, entre um sapateiro e duas clientes no interior da sua loja). O cabedal do calçado feminino era pintado de várias cores: preto, vermelho, branco e amarelo. Os sapateiros ignoraram o uso de saltos. Flacelière (s/d: 181) observa, a partir de um poeta cômico não nomeado, que uma mulher de baixa estatura, a fim de se tornar mais alta do que realmente ela era, usava o artifício de colocar, entre o pé e o calçado, uma espécie de palmilha para o calcanhar.

A descrição da sapataria feita acima por Xenofonte apresenta paralelos em outros de documentos provenientes da antiga Atenas. Este é o caso, por exemplo, do relevo votivo de mármore ático datado da primeira metade do quarto século mostrando sapateiros envolvidos no trabalho (FIGURA 2). Da mesma forma que a narrativa de Xenofonte, ele mostra uma cena no interior de uma sapataria. Seguindo de perto a descrição feita por Camp (1986: 147), observamos o seguinte quadro: à direita, onde o relevo está parcialmente quebrado, encontram-se dois homens sentados atrás de uma bancada de sapateiro, enquanto próximo a eles, sentado de frente, está um jovem envolvido na confecção de uma sandália. No lado esquerdo da cena, está um homem calvo, de barba, sentado em uma cadeira. Ele está pendurando, com a mão direita, uma sandália em um tipo de trave ou varal com ganchos usados para pendurar sandálias. Em frente a este ho-

mem está um menino agachado, cortando tiras de couro. Há uma inscrição na parte inferior do relevo: “*Dionysios, o sapateiro, filho de [...] Jon e seu filho dedicam isto para o herói Kallistephanos*”. Mais abaixo, lê-se em uma outra inscrição: “*Tendo visto uma visão divina em seu sonho, Dionysios adorna o herói e a criança de Kallistephanos; você dá em retorno para estas coisas riqueza e saúde*”. O nome do pai de Dionysios está apenas parcialmente preservado. Uma restauração plausível do nome seria Simon. Neste caso, o relevo votivo poderia ser uma dedicatória feita pelo descendente do amigo de Sócrates, que deu continuidade nos negócios do pai.

Já as cenas contidas nos vasos áticos tendem a se afastar da descrição feita por Xenofonte. Muito embora elas sejam em pequeno número (autor deste trabalho conhece apenas três imagens contidas em três diferentes suportes cerâmicos), é possível o pesquisador compreender melhor o papel desempenhado pelo pequeno artesão que trabalha sozinho na sua oficina, assistido, no máximo, por um assistente. Por um problema de espaço, analisar-se-ão duas das três imagens:⁶

1ª uma pelíxe ática de figuras negras, atribuída ao pintor Eucharides (**FIGURA 3A**). No centro da cena está um menino voltado para a esquerda, cabeça coroada, em pé sobre a bancada da oficina, apoiando o seu pé direito sobre um soco de madeira (ou de pedra?). O jovem, com o braço direito esticado, apóia a sua mão direita sobre a cabeça do sapateiro, como forma de manter o equilíbrio. Este profissional, sentado de frente para o menino, barbado, cabeça coroada, corta, com o auxílio de um trinchete, a medida exata do cabedal usado para fazer a sandália do menino. Na extremidade direita da cena, possivelmente o pai do menino, com a cabeça coroada, apoiando-se em um bastão, observa atentamente o trabalho do artesão. Há, pendurado na parede da sapataria, trinchetes. No solo, uma bacia;

2ª Medalhão de uma taça ática de figuras vermelhas, atribuída ao pintor? (**FIGURA 3B**). No centro da cena está um sapateiro calvo, sentado, barbado que corta, com o auxílio de um trinchete uma peça de couro. Há, pendurado na parede da sapataria, um cutelo, peças de couro, botas e um martelo (?).

Diferentemente da passagem de Xenofonte e da descrição do relevo votivo que apresentam uma oficina composta de trabalhadores altamente especializados, baseada na divisão do trabalho, as duas cenas nos remetem ao interior de pequenas oficinas de calçados disseminadas pelo espaço urbano de Atenas, onde o sapateiro, sozinho ou com o auxílio de um assistente, realiza todas as etapas do processo de fabricação do calçado,

indo desde o corte do couro, com a exata medida da sola do pé do cliente, passando pela utilização da carda e dos ilhoses, até a entrega final do produto, isto é, a sandália pronta para uso. As imagens também mostraram sandálias e botas penduradas nas paredes da oficina prontas para serem comercializadas.

As imagens dos dois vasos apontam para uma estreita relação entre o sapateiro e a sua oficina, onde o referido artesão passava boa parte do seu tempo. Esta relação, como o autor do trabalho já teve oportunidade de mostrar, foi trabalhada por Aristófanos como uma sátira, em uma passagem bem conhecida, onde o referido comediógrafo associava a cor branca da tez como sendo típica das mulheres e dos sapateiros (ver nota 3). Não há dúvida que esta sátira se insere em um campo para além do efeito cômico, isto é, ela faz parte da longa tradição de autores antigos gregos antidemocratas (ver item 1) que tinham dificuldades em aceitar que artesãos e camponeses tomassem parte do jogo político, que eles pudessem ser contados entre os cidadãos.

4. Esboçando Conclusões (Preliminares)

Podem ser apontados, em termos de conclusão do trabalho, quatro pontos centrais relacionados com o universo social do sapateiro na antiguidade ateniense:

1^a) ele era visto como um profissional, inserido no grupo social dos artesãos urbanos;

2^a) ele gozava de um baixo estatuto social, muito embora, possam ser apontadas exceções (Simon, o seu filho Dionysios e o seu neto não nomeado);

3^a) no caso de ser filho de pais atenienses, ele seria cidadão com plenos direitos políticos;

4^a) a sua variada produção destinava-se a toda cidade-Estado de Atenas, muito embora os calçados tendessem a ser consumidos pelos seus clientes citadinos.

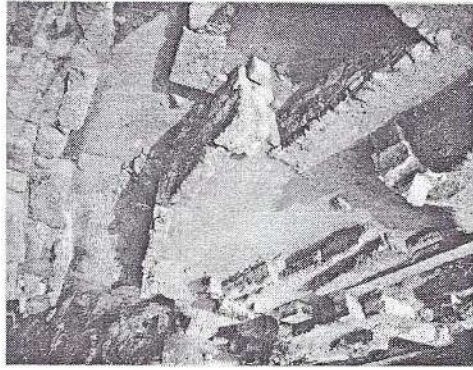


Figura 1a. Vestígios da casa de Simon, o sapateiro. Data: V século. Uma pedra fronteira da Ágora é visível no primeiro plano (da foto) e o pátio da casa na área atrás. A rua está situada à direita (CAMP, 1986:146, n. 124).

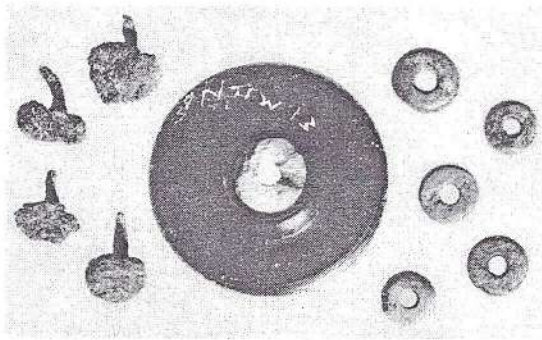


Figura 1b. Material da casa de Simon, o sapateiro. Data: V século. Da esquerda para a direita: ilhoses de osso; a base de uma taça (de verniz negro) inscrita com o nome SIMONOS (de Simon); cardas de ferro (CAMP, 1986:146, n. 125).

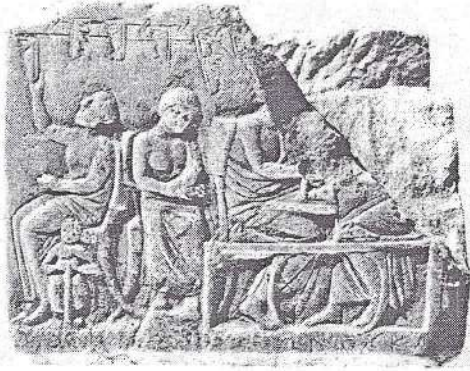


Figura 2. Relevo mostrando uma oficina de sapateiro. Data: primeira metade do IV século. Na parte inferior, há uma dedicatória (nesta figura, consta apenas a primeira linha) (CAMP, 1986:147, n. 126).

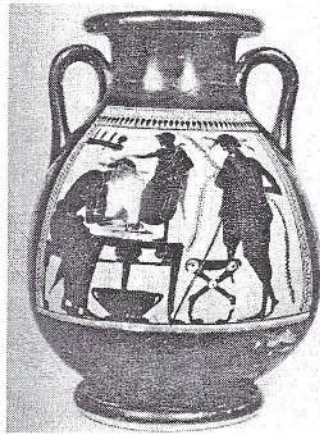


Figura 3a. Pelíke ática de figuras negras. Oxford, Ashmolean Museum. Inventário: 563. Proveniência: Rodes. Pintor: Eucharides. Data: final do VI século. Beazley, ABV 396, 21 (BOARDMAN, 1991: n. 229).



Figura 3b. Taça ática de figuras vermelhas. Londres, British Museum. Inventário: E 86. Near the Euaichme Painter. Data: segundo quartel do quinto século. Beazley, ARV 786, 4 (GLOTZ, 1946:246, fig. 47).

Obras de Referência

- BEAZLEY, J. D. *Attic Black-Figured Vase Painters*. Oxford: Clarendon Press, 1956.
- BEAZLEY, J. D. *Attic Red-Figured Vase Painters*. Oxford: Clarendon Press, 1963. 2ª ed., 3 volumes.
- BOARDMAN, J. *Athenian Black Figure Vases*. London: Thames and Hudson, 1991.

Bibliografia

- BURFORD, A. *Land and Labor in the Greek World*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1993.
- BURFORD, A. "Trades and Crafts". In: SPARKES, B. A. (Ed.). *Greek Civilization. An Introduction*. Oxford: Blackwell, 1998. pp. 186-200.
- BURFORD, A. *Craftsmen in Greek and Roman Society*. London: Thames and Hudson, 1972.
- CAMP, J. M. *The Athenian Agora. Excavations in the Heart of Classical Athens*. London: Thames and Hudson, 1986.
- CHAMOUX, F. *La Civilización Griega. En las Épocas Arcaica y Clásica*. Barcelona: Juventud, 1967.

- DE STE CROIX, G. E. M. *The Class Struggle in the Ancient Greek*. London: Duckworth, 1981.
- DURAND, J.-L. *Sacrifice et Labour en Grèce Ancienne. Essai d'Anthropologie Religieuse*. Paris-Rome: Découverte / École Française de Rome, 1986.
- EHRENBERG, V. *The People of Aristophanes. A Sociology of Old Attic Comedy*. Oxford: Basil Blackwell, 1943.
- FINLEY, M. I. *Democracia Antiga e Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FLACELIÈRE, R. *A Vida Quotidiana dos Gregos no Século de Péricles*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- GLOTZ, G. *História Económica da Grécia. Desde o Período Homérico até à Conquista Romana*. Lisboa: Cosmos, 1946.
- GALLANT, T. W. *Risk and Survival in Ancient Greek. Reconstructing the Rural Domestic Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- HODKINSON, S. "Animal Husbandry in the Greek Polis". In: WHITTAKER, C.R. (Ed.) *Pastoral Economies in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. pp. 35-74.
- ISAGER, S., SKYDSGAARD, J. E. *Ancient Greek Agriculture. An Introduction*. London: Routledge, 1992.
- JAMESON, M. H. "Sacrifice and Animal Husbandry in Classical Greece". In: WHITTAKER, C. R. (Ed.) *Pastoral Economies in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. pp. 87-119.
- MAFFRE, J.-J. *A Vida na Grécia Clássica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- OBER, J. *Mass and Elite in Democratic Athens. Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

Notas

¹ Todas as datas contidas neste trabalho são antes de Cristo (a. C.), salvo aquelas por mim especificadas.

² Cidade-Estado é o termo utilizado em português para a palavra grega *pólis*. Muito embora este termo esteja amplamente difundido nos livros de História Antiga Grega, o leitor não familiarizado com estes livros pode acabar elaborando uma visão bastante estreita acerca do próprio significado da referida palavra. É interessante observar, neste sentido, muito embora o termo em português omita, que

pólis significa a reunião do espaço urbano e rural. Tal significado sugere que a maioria do corpo cívico vivia no campo, além do calendário agrícola organizar a vida no interior da respectiva comunidade.

³ Talvez possa ser entendida neste contexto a fala de Χρέμης em Aristófanes. *Assembléia das Mulheres* 427-433. O referido comediógrafo estabelece uma associação entre mulher e sapateiro através da cor de pele (uma mulher que se faz passar por jovem branco (νεανίας λευκός) recebendo o apoio de numerosas mulheres travestidas de homens, as quais são confundidas por Χρέμης, um dos poucos cidadãos que puderam comparecer a Assembléia, como sendo uma multidão de sapateiros (τὸ σκυτοτομικὸν πλῆθος). Esta relação pode assinalar uma característica do sapateiro que passa a maior parte do seu tempo no interior da sua oficina de trabalho, portanto, ao abrigo do sol, da mesma forma que as mulheres que permaneciam em casa, também ao abrigo do sol. Isto explicaria o porquê de ambos terem a tez branca. Este dado é transformado pelo comediógrafo em uma consciente opção política que o sapateiro faz ao preferir se ausentar das assembleias como forma de ganhar mais tempo no seu trabalho. Esta opção reforçaria as críticas dos elitistas atenienses de que aqueles indivíduos que trabalham manualmente não poderiam ser cidadãos plenos.

⁴ Sobre as críticas feitas a Cléon, ver mais abaixo o subitem 2.2.1.; com relação a Anito, ver: além do subitem 2.2.2.1., de Ste Croix, 1981, 124-125; acerca de Ifícrates como sendo um homem rico, ver: Demóstenes 21,62; tendo sido recompensado pelo *dêmos* ateniense pelos seus feitos militares, ver: Demóstenes 20,84-85; possuindo uma origem humilde, ver: Plutarco. *Moralia* 186f; e as implicações deste passado humilde no estatuto social do cidadão, ver: Ober, 1989, 248-292, em especial pp. 285-286.

⁵ Houve, de forma proposital, por parte de Aristófanes, possivelmente como forma de se produzir o riso, a troca do M pelo B, já que o nome correto da esposa de Hípias era Μυρσίνης. Ver: *Os Cavaleiros* 47, 447-449; *As Nuvens* 581; sobre os violentos ataques sofridos pelos líderes da facção popular ateniense, ver a brilhante análise de Finley, 1985, 55-90.

⁶ O terceiro vaso é uma ânfora ática de figuras negras publicada no livro de Chamoux, 1967, 285, figura 148.